

# LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL NAS REGIÕES BRASILEIRAS E NOS ESTADOS DO NORDESTE<sup>1</sup>.

## Área 03: Localização e concentração das atividades econômicas

**Erielton Alves de Lima**

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri – URCA.  
[erielton49@hotmail.com](mailto:erielton49@hotmail.com)

**Luís Abel da Silva Filho**

Doutor em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri – URCA.  
[abeleconomia@hotmail.com](mailto:abeleconomia@hotmail.com)

**Resumo:** a dinâmica produtiva industrial têxtil apresentou modificações acentuadas no contexto da reestruturação produtiva do setor. Diante disso, objetiva-se analisar a reestruturação produtiva têxtil no Brasil, considerando-se somente a reestruturação locacional. Metodologicamente, revisa-se a literatura e em seguida constroem-se; a partir de dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS (estabelecimentos) do Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE, o Quociente Locacional e o Coeficiente de Localização para as regiões brasileiras e para os Estados do Nordeste. Os resultados revelam perda de participação relativa do Sudeste brasileiro e elevação das demais regiões com destaque para o Nordeste. Nessa região, os Estados do Ceará (maior produtor) e Pernambuco revelam bom desempenho do setor nos anos observados. Porém, com redução relativa da participação do primeiro e elevação para o segundo. Destarte, a hipótese da reestruturação espacial do setor é parcialmente confirmada, a partir dos resultados encontrados ao longo do estudo.

**Palavras-chave:** indústria têxtil; Quociente Locacional; Coeficiente de Localização.

**Abstract:** textile industrial production showed significant changes on the dynamic context of the restructuring of the productive sector. Thus, this article aims to analyze the textile production restructuring in Brazil, considering the locational restructuring. Methodologically, we review the literature and then are constructed from data from the Annual Report of Social Information - RAIS (stores) of the Ministry of Labor and Employment - MTE and Locational Quotient Coefficient Location for Brazilian regions and for the Northeastern States. The results reveal loss relative share of Southeastern Brazil and elevation of other regions with emphasis on the Northeast. In this region, the states of Ceará (largest producer) and Pernambuco show good performance of the sector in the years observed. However, relatively lower participation and elevation of the first to the second. Thus, the hypothesis of spatial restructuring of the sector is confirmed from the results found throughout the study.

**Keywords:** textile industry; Locational Quotient; Coefficient Location.

**JEL:** J0, J15, J61

---

<sup>1</sup> Artigo Publicado nos Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos – ENABER, Rio de Janeiro – outubro de 2019.

## 1. Considerações iniciais

O processo de desconcentração produtiva regional brasileira aconteceu de forma significativamente espúria do ponto de vista da distribuição espacial das atividades produtivas. A concentração industrial oriunda das políticas de industrialização brasileira permitiu a aglomeração de unidades produtivas no eixo Sudeste/Sul com menor incidência de indústrias nas demais regiões brasileiras (GUIMARÃES NETO, 1989; 1997; DINIZ, 1996; 2001).

As políticas de desconcentração industrial aconteceram, grosso modo, em regime de isenção fiscal, sejam elas orientadas pela União, a exemplo das práticas de incentivos ao capital produtivo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE; seja pela política de isenção fiscal induzida pelos Estados a partir dos anos de 1990 (GUIMARÃES NETO, 1989; 1997; DINIZ, 1996; 2001; SILVA FILHO *et al.*, 2015). Essa última prática foi sobremaneira acentuada nos Estados do Nordeste brasileiro, com forte queda de receita governamental de impostos e com pouco respaldo no que pertine a atração e manutenção de unidades produtivas.

Tais ações postuladas na guerra fiscal contribuíram com a ampliação das unidades produtivas industriais em Estados do Nordeste, sobretudo aqueles com maior poder de atração (ARAGÃO, 2005; SILVA FILHO *et al.*, 2015). Todavia, os incentivos fiscais têm se mostrado insuficientes para manter as unidades produtivas industriais em regiões com elevadas dificuldades logísticas e com baixo poder de efeitos propulsores nas cadeias produtivas locais (BRITTO & CASSIOLATO, 2001; SILVA FILHO *et al.*, 2015).

A indústria têxtil é, pois, um setor de atividade econômica que passou por forte reestruturação produtiva tanto nos aspectos produtivos (KON & COAN, 2005; COSTA & ROCHA, 2009; VIANA *et al.*, 2008; MONTEIRO FILHA & CORRÊA, 2009) quanto locacionais (SOARES & CARTAXO, 1987; COSTA & ROCHA, 2009; VIANA *et al.*, 2012). Nesse contexto, migrações de plantas indústria e constituição de cadeias produtivas foram registradas em áreas incentivadas e assistidas pelas políticas de Estados. Esse processo proporcionou elevação das unidades produtivas do Nordeste com destaque para o Estado do Ceará, tradicional produtor têxtil da região.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a dinâmica econômica regional das unidades produtivas têxteis, a partir da utilização de métodos de localização regional. A hipótese aqui levantada é a de que a indústria têxtil brasileira passou por um processo de reespecialização no seu processo de reestruturação. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE foram tabulados considerando-se os estabelecimentos formais, portanto, a RAIS/ESTAB. A série temporal investigada foram os anos de 1985 a 2011, com foco nas regiões e Estados do Nordeste brasileiro.

Para atingir o objetivo proposto nesta pesquisa, o trabalho encontra-se, assim estruturado: além das considerações iniciais, a segunda seção revisa a literatura acerca da dinâmica produtiva têxtil brasileira e sua evolução; na terceira seção, recorrem-se aos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa; e, em seguida, a análise do Quociente Locacional e ao Coeficiente de localização para a indústria têxtil, conforme as regiões brasileiras e para os Estados do Nordeste; e, por último, tecem-se algumas considerações finais.

## 2. A dinâmica e a evolução da indústria têxtil brasileira

A indústria têxtil apresenta posição de destaque na economia dos países desenvolvidos e nas nações em desenvolvimento tendo função de grande relevância no comércio mundial de manufaturados. No Brasil, ela tem desempenhado papel ressaltante no processo de desenvolvimento econômico e social, sobretudo nos Estados nordestinos em que responde por parte substancial dos postos de trabalho da indústria de transformação (GONÇALVES *et al.*, 2004).

De acordo com Gonçalves *et al.* (2004), o mercado têxtil mundial vem registrando significativa expansão, tanto nas quantidades produzidas quanto no comércio entre os países produtores e consumidores. Isso tem sido propiciado pelo aumento do número de consumidores em todo o mundo e pela elevação da renda em alguns países mais desenvolvidos, e também pela abertura dos mercados ao comércio internacional. Outros fatores, respeitáveis nesse processo de crescimento, como o uso de novas matérias-primas e processos de acabamento devem ser considerados.

O processo de industrialização brasileira foi motivado, inicialmente pelo setor têxtil. No período colonial, que se estende de 1500 até 1844, a propriedade básica era a insipiência da indústria têxtil, assim como a sua descontinuidade. A colônia estava subordinada às diretrizes da política econômica formuladas pela Metrópole. Com isso, era corriqueira a adoção de políticas de excitação ou restrição, levando em consideração as preocupações ou necessidades de execução de acordos comerciais com outras nações (GONÇALVES *et al.*, 2004; MONTEIRA FILHA & CORRÊA, 2002).

A primeira política industrial brasileira data de 1844, com elevação das tarifas aduaneiras para a média de 30%, acontecimento que provocou indignação de várias nações europeias. A medida estimulou a industrialização, notadamente da indústria têxtil. Entretanto, o processo da industrialização ocorreu de forma lenta; e, entre 1844 até 1913, ficou conhecido como a fase de implantação da indústria no Brasil (MONTEIRA FILHA & CORRÊA, 2002; MOUTINHO & CAMPOS, 2009).

Para Alves (2000), o Brasil possuía cultura algodoeira bem desenvolvida, matéria-prima básica essencial à indústria têxtil, mão de obra abundante e um mercado consumidor em expansão. Em 1864, funcionavam 20 fábricas, com cerca de 15.000 fusos e 385 teares. No ano de 1881, havia 44 fábricas e 60.000 fusos, originando cerca de 5.000 empregos. Nas décadas posteriores, houve aceleração do processo de industrialização; e, anos antes da I Guerra Mundial, foram contabilizadas 200 fábricas, que ocupavam aproximadamente 80.000 pessoas (CAMPOS, 2000).

No início da I Guerra Mundial, o Brasil possuía um importante parque têxtil, fato notório que pode ser analisado como fator decisivo na consolidação da indústria têxtil nacional. Os países europeus e os Estados Unidos estavam canalizando esforços em função da guerra, deixando espaço que poderia ser atendido pela indústria brasileira. Isso funcionava como componente de incitação para o crescimento da indústria nacional (GONÇALVES *et al.*, 2004).

Gonçalves *et al.* (2004) dizem que a grande crise de 1929, que desorganizou a economia mundial, criou uma nova ocasião de crescimento da indústria brasileira, tal como havia acontecido durante a I Guerra Mundial. A capacidade de importação foi de maneira drástica reduzida, então a maioria dos países adotaram políticas de substituição dos importados pela fabricação interna dos produtos necessários a seu suprimento.

O mesmo processo aconteceu durante a II Guerra Mundial, propiciando mudança na estrutura industrial brasileira. No setor têxtil, as fábricas se expandiram, passando a operar com mais de um turno de trabalho, produzindo mais para suprir o mercado interno, sendo o excedente exportado para mercados expressivos da Europa e dos Estados Unidos. Contudo, com o fim do conflito, o setor retornou aos patamares anteriores, perdendo clientes no

exterior, reduzindo as exportações, ocorrendo ainda o esgotamento dos investimentos, fato que tornava obsoletos os nossos parques industriais (GONÇALVES *et al.*, 2004).

Após 1965, o BNDES começou a financiar o complexo têxtil, incluído então pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) no Plano de Ação Estratégica de Governo (PAEG), que cobria o período 1964-1966. Em 1966, criou-se ainda o Grupo Executivo das Indústrias Têxteis (GEITEX), no Ministério de Indústria e Comércio, que conferia 100% de isenção de impostos para importação de máquinas têxteis (MONTEIRA FILHA & CORRÊA, 2002).

Segundo Monteiro Filha & Corrêa (2002), no período 1972-1974, aconteceu um dos maiores ciclos de investimentos do setor têxtil vistos até aquele momento, representando uma possibilidade para a modernização do setor, assim como, para o aumento da capacidade produtiva. Verificou-se a ocorrência de crescimento exagerado, cerca de 40%. A crise do petróleo em 1973 e a consequente recessão, em 1974, fizeram o setor passar por grandes dificuldades nos anos seguintes.

Em meio a tantos problemas, o Conselho de Desenvolvimento Econômico, em 1974, criou o Programa de Industrialização do Nordeste, que previa a ampliação na ordem de 2 milhões de fusos naquela região. Outro fato de destaque foi a tentativa de transferir indústrias têxteis do Sudeste para o Nordeste. Por conta disso foi organizado o Programa Têxtil Integrado do Ceará e o Programa do Parque Têxtil Integrado do Rio Grande do Norte (MONTEIRA FILHA & CORRÊA, 2002).

Por sua vez o II PND (1974-1978) implantou o Polo Petroquímico de Camaçari (BA), que teve grande impacto no setor têxtil, que poderia aumentar a quantidade de fibras sintéticas, além de aproximar esse tipo de matéria-prima das indústrias nordestinas. De fato, a segunda metade da década de 1970 ficou marcada pelos grandes projetos que se agruparam no Nordeste. Nessa época, também se iniciou o processo de substituição de equipamentos têxteis importados por nacionais (ALVES, 2010).

Segundo Monteiro Filha & Corrêa (2002), nos primeiros anos da década 1980, o setor têxtil apresentou certa dificuldade, vindo a se recuperar apenas em 1984, e, definitivamente no ano seguinte. Entretanto, em 1986, passou por momentos complicados. O Conselho Nacional da Indústria Têxtil (CNIT) publicou “*Os estudos para automação, modernização, desenvolvimento tecnológico e ampliação da indústria têxtil brasileira até o ano 2000*”. Esse estudo definiu os pontos precários que deveriam ser atendidos pelo Governo para modernização do setor. No plano de ação foram definidos:

- (i) *apoio do Governo para financiar novos investimentos;*
- (ii) *facilidades (isenção de tributos) para importar máquinas;*
- (iii) *um plano de importação emergencial enquanto o programa de modernização ia sendo definido.*

A participação governamental estava sempre presente no desenvolvimento de políticas de apoio à indústria têxtil. Segundo Alves (2010), em 1988, no que pertence ao setor e seguindo os estudos do CNIT, o Governo passou a analisar os Planos Setoriais Integrados (PSI), onde o plano têxtil foi o primeiro a ser analisado em virtude de possuir estudos preliminares. O PSI do complexo têxtil apresentava os problemas do setor, estabelecendo metas de crescimento, modernização tecnológica e administração da produção, formação de mão de obra e fornecimento de insumos. Até o ano de 1995, previa-se um cronograma de redução gradual das alíquotas de importação.

Contudo, com a mudança no cunho das políticas governamentais, abertura comercial, os Planos Setoriais Integrados não foram implementados, as metas de reestruturação não foram colocadas em prática, fato que culminou com o fim do protecionismo da economia brasileira (MONTEIRA FILHA & CORRÊA, 2002).

### 3. Processos metodológicos

#### 3.1 Sobre a área de estudo

O artigo analisa a localização espacial da indústria têxtil nacional nas cinco macrorregiões geográficas e, bem como faz um estudo detalhado na região Nordeste do país.

#### 3.2 Sobre o banco de dados

Os dados foram extraídos do Ministério do Trabalho e Emprego, através do sistema RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) e contemplam os anos de 1985 a 2011. Tratam-se, pois de dados da RAIS-ESTAB, onde é analisado o número de estabelecimentos formais do setor têxtil.

#### 3.3 Sobre o método de análise

Aqui se discorre sobre a dinâmica da reestruturação produtiva do setor têxtil na economia brasileira. Para isso, recorreu-se aos métodos de análise regional amplamente utilizados na literatura (LODDER, 1974; HADDAD, 1989; LIMA *et al.*, 2006; SILVA FILHO *et al.*; 2015), dentre os quais, o Quociente Locacional (QL) e o Coeficiente de Localização (CL).

O Quociente Locacional é um indicador largamente utilizado em estudos da economia regional (LODDER, 1974; HADDAD, 1989). Ele mede a importância relativa do setor em estudo para a região em comparação com a importância relativa do setor para o Brasil. A fórmula do QL é dada abaixo:

$$QL = \left[ \left( \frac{E_{ij}/E_i}{E_j/E_t} \right) \right] \quad (1)$$

Onde:  $E_{ij}$  representa o número de empresas do setor  $i$  na região  $j$ . Dessa forma, o numerador apresenta a razão do número de empresas do setor têxtil em relação ao total do número de empresas na região, portanto a importância relativa do setor em cada região. O denominador apresenta o número de empresas do setor têxtil em todas as regiões em relação ao número de empresas no total; portanto a importância relativa do setor têxtil no Brasil. Estados que apresentarem  $QL > 1$  são aqueles onde o setor têxtil é relativamente mais concentrado e tem maior representatividade.  $QL < 1$  significam menor nível de relevância para o Estado (Campos *et al.*, 2000).

O Coeficiente de Localização (CL) é estimado a partir da seguinte equação:

$$CL = \left[ \frac{\sum \left| \left( \frac{E_{ij}}{E_i} \right) - \left( \frac{E_j}{E} \right) \right|}{2} \right] \quad (2)$$

O Coeficiente de Localização (CL) relaciona a distribuição percentual de unidades produtivas numa dada atividade produtiva entre as regiões, com a distribuição percentual das unidades produtivas do Brasil. O coeficiente de localização igual a zero (0) significa que a atividade produtiva *i* estará distribuída regionalmente da mesma forma que o conjunto de todas as atividades produtivas. Se o valor for igual a um (1), isso demonstrará que a atividade produtiva *i* apresenta um padrão de concentração regional mais intenso do que o conjunto de todas as atividades produtivas (LIMA *et al.*, 2007).

#### 4. Reestruturação Produtiva no Setor Têxtil

A indústria têxtil brasileira passa por um profundo processo de reestruturação, a partir da abertura econômica, que a encontra beneficiada por vários anos de políticas protecionistas, sendo esse um dos principais motivos do atraso tecnológico da maioria das empresas do setor (SILVA FILHO *et al.*, 2015). Torna-se premente a necessidade de modernização tanto dos maquinários como também do processo de fabricação. Era, portanto, de extrema relevância definir estratégias que permitissem obter vantagens competitivas (BECASSI & JANNUZZI, 2008).

O setor sofreu fortes pressões dos países asiáticos, cujas bases tecnológicas e estratégias mercadológicas têm aumentado seus domínios sobre os consumidores têxteis no mundo. No Brasil, as estratégias de mercado dos países asiáticos provocaram fortes reações dos empresários do setor têxtil, principalmente junto ao governo central, que pediram isenções fiscais para a exportação e ampliação das barreiras alfandegárias para os produtos têxteis importados daqueles países (RODRIGUES *et al.*, 1996).

Desta forma, a indústria têxtil pode ser considerada um dos setores mais atingidos pelo processo de abertura comercial, sofrendo momentos de extrema crise, em função do grande aumento das importações, especialmente no segmento de fios e tecidos artificiais e sintéticos provenientes, principalmente, dos tigres asiáticos (FIRJAM & FERRAZ, 2011, p. 24).

Métodos já bastante difundidos de reestruturação produtiva em outros setores não se adaptam ao setor têxtil, pois este tem características diferentes. Processos de melhoria contínuos como o *kaizen* não podem ser instalados em firmas que funcionem na forma de fluxo (característica do setor têxtil); e o uso *just-in-time* já era utilizado em diversas empresas do ramo, de modo que, dois dos mais usados métodos de reestruturação produtiva teriam pouca relevância para o setor têxtil (CAMPOS *et al.*, 2000).

O processo de reestruturação da indústria têxtil deve ser considerado dentro do contexto de localização industrial. A fase de realocação está ligada diretamente à reestruturação produtiva, pois tal processo engloba a renúncia de plantas atrasadas e ineficientes, sendo em troca construídas novas plantas das fábricas modernas com alta produtividade. Isso ocorreu em regiões onde os fatores competitivos, conectados com a localização de indústrias eram favoráveis. As empresas buscam maior competitividade explorando métodos da reestruturação produtiva, procurando localizações que apresentem fatores estruturais e sistemáticos melhores. É o que pode ser visto na transferência de indústrias do Sudeste para o Nordeste no início dos anos 1990 (CAMPOS *et al.*, 2000).

A Tabela 01 mostra o Quociente Locacional (QL) do número de estabelecimentos têxteis no período que se estende 1985 a 2011. Tal indicador evidencia a representatividade do setor em dada região.

**Tabela01. Quociente Locacional (QL) de estabelecimentos têxteis no período 1985-2011, nas regiões brasileiras.**

Região natural	1985/89	1990/94	1995/99	2000/04	2005/09	2010/11
Norte	0,20	0,20	0,27	0,28	0,31	0,33
Nordeste	0,76	0,85	0,98	1,04	1,07	1,10
Sudeste	1,22	1,14	1,09	1,06	1,04	1,03
Sul	0,65	0,82	0,92	0,95	0,97	0,98
Centro-Oeste	0,69	0,75	0,88	0,99	0,96	0,97

Fonte: RAIS / MTE, Elaboração própria.

Conforme se pode notar, a região Sudeste, desde o início do período em análise, mostrou indicadores QL maiores que 1, em destaque para o primeiro recorte de tempo (1985/89), quando ele apresentou 1,22, numa indicação da grande relevância da região no setor têxtil, vindo a se reduzir nos períodos seguintes. Segundo Michellon (1999) *apud* Campos *et al.* (2000), isso aconteceu por causa do deslocamento das indústrias, a partir de 1990, do Sudeste para o Nordeste, por conta de anos de tradição e mão de obra treinada na área têxtil. Essas novas indústrias instaladas no Nordeste tiveram ganhos tecnológicos por serem mais modernas e produtivas.

Mesmo assim, como mostra a Tabela 01, a indústria têxtil do Sudeste no último período (2010/11) em análise constata um QL de 1,03, comprovando sua representatividade na citada região, apesar da redução relativa do indicador ao longo dos anos em observação, seguido pela elevação do indicador na região Nordeste do país.

A região Centro-Oeste melhora nos anos (2000/04). Segundo Costa & Rocha (2009), essa melhora destaca a busca das empresas por maior proximidade com a produção de algodão (competitivo e em crescimento na região). O Centro-oeste tem incrementado na cultura agrícola a produção algodoeira. Essa é a principal matéria-prima utilizada na produção de tecidos. Com isso, indústrias do setor de fiação e tecelagem, sobretudo, buscam a aproximar-se da matéria-prima e isso vem incrementando o aumento de unidades produtivas têxteis nessa região.

A região Sul, após 1995/99, apresentou elevação no indicador. Para Costa & Rocha (2009), esse crescimento é propiciado pelos incentivos fiscais dados na região (exemplo: Santa Catarina concedeu ICMS na ordem de 3%), pela disponibilidade de linhas de créditos dos bancos regionais, como também pela proximidade com centros consumidores.

Apesar das regiões Sudeste e Sul concentrarem a maior parte das empresas do setor, muitas empresas de grande e médio portes nestas regiões estão transferindo suas dependências para o Nordeste em razão basicamente de incentivos fiscais e do baixo custo de mão-de-obra local (ALVES, 2010, p. 51).

Por sua vez, a região Nordeste apresentou inversão do indicador nos anos 2000/04, vindo a exibir relativa melhora. Isso decorre da abertura comercial do Brasil. Com a invasão de produtos importados houve a necessidade de reduzir custos, e uma forma encontrada foi a realocação das unidades produtivas têxteis no Nordeste, que oferecia custos menores que a região Sudeste (CAMPOS *et al.*, 2000).

O que tem atraído as indústrias para a região Nordeste é em parte os reduzidos salários, com pequena estrutura sindical, e principalmente, o grande esforço de incentivos fiscais dados às estas empresas, notadamente, pelo Estado do Ceará. Em outras palavras, o que tem atraído as indústrias têxteis para o Nordeste são fatores competitivos tipicamente sistêmicos. Neste Estado o governo ainda contribui para a formação de cooperativas de trabalhadores que prestam serviços às indústrias (Lima, 1998, *apud* Campos *et al.*, 2000, p. 7).

Na Tabela 02 tem-se o Coeficiente de Localização (CL) dos estabelecimentos têxteis no período de 1985 a 2011. O indicador relaciona a distribuição percentual dos estabelecimentos têxteis, entre as regiões com a distribuição percentual dos estabelecimentos têxteis no Brasil, mostrando o padrão de concentração do setor analisado para cada região.

**Tabela 02. Coeficiente de Localização (CL) do número de estabelecimentos têxteis no período 1985-2011, em todas as grandes regiões brasileiras.**

Região natural	1985/89	1990/94	1995/99	2000/04	2005/09	2010/11
Norte	0,008	0,008	0,009	0,010	0,011	0,010
Nordeste	0,010	0,006	0,001	0,002	0,005	0,007
Sudeste	0,066	0,043	0,024	0,015	0,011	0,007
Sul	0,041	0,022	0,011	0,007	0,004	0,002
Centro-Oeste	0,007	0,006	0,003	0,000	0,001	0,001

Fonte: RAIS / MTE, Elaboração própria.

Viu-se que os valores são muito próximos a 0. Mesmo assim, pode-se afirmar que há um pequeno grau de concentração do setor têxtil. No período de 1985/89, a indústria têxtil apresenta maior padrão de concentração no Sudeste. Ao longo do tempo há uma tendência decrescente, chegando a níveis pouco relevantes, o que denuncia o alto grau diversificação da indústria dessa região.

A região Norte indicava pouca concentração nos anos iniciais, vindo a ganhar uma pequena importância nos dois últimos períodos. O grau de concentração no Centro-Oeste é bastante irrelevante. Em relação à região Sul, esta tendência de desconcentração, assim como no Sudeste, é bem diversificada.

Em relação ao Nordeste, a indústria têxtil mostra-se pouco concentrada. O primeiro período tem o maior grau de concentração para a região, mas a partir do terceiro apresenta uma convergência mínima de concentração, o que pode indicar que o setor vem ganhando força em relação aos demais.

A tabela 03 traz o Quociente Locacional (QL) dos Estados da região Nordeste, levando em consideração o número de unidades produtivas da indústria têxtil. Esse índice revela a representatividade do setor para cada Estado da região.

**Tabela 03. Quociente Locacional (QL) do número de estabelecimentos têxteis no período 1985-2011, considerando os Estados da região Nordeste brasileiro.**

Região Nordeste	1985	1990	1995	2000	2005	2011
Maranhão	0,19	0,35	0,36	0,36	0,42	0,43
Piauí	0,50	0,52	0,91	0,91	0,83	0,91
Ceará	2,15	1,90	2,03	1,70	1,68	1,62
Rio Grande do Norte	0,83	0,62	0,76	1,11	0,93	0,79
Paraíba	0,95	0,97	1,04	0,89	0,69	0,71
Pernambuco	0,96	0,96	0,89	0,91	1,10	1,21
Alagoas	0,50	0,53	0,37	0,47	0,43	0,41
Sergipe	0,60	0,83	0,67	0,53	0,61	0,81
Bahia	0,72	0,75	0,70	0,79	0,74	0,67

Fonte: RAIS / MTE, Elaboração própria.

Como se pode notar, o Ceará foi a unidade que apresentou o maior QL para todos os anos. Em 1985, teve o maior valor, chegando a 2,15, numa revelação clara da importância do setor têxtil na economia cearense. E, mesmo tendo ocorrido redução do QL ao longo dos anos, o índice continuou superior a 1, indicando que o setor ainda tem grande representatividade no arranjo produtivo do Estado. Outras unidades que merecem destaque são o Piauí com 0,91 e Pernambuco com 1,21 no ano de 2011. Isso mostra a relevância desse setor para os Estados citados. A Paraíba perdeu espaço no ramo têxtil, pois ao longo do período, os valores reduziram-se, chegando apenas a 0,71.

A reorganização espacial das fábricas e o desenvolvimento de células de produção têm ganhado relevância como mais um artifício do difícil processo de reestruturação produtiva no ramo têxtil. Esse método de organização espacial tem tornado o ambiente mais competitivo (ALVES, 2010).

Levando em consideração as unidades federativas da região Nordeste é possível identificar que o Ceará tem o maior grau de concentração entre elas. Outro Estado que apresenta nível considerável de concentração é Pernambuco. Os demais têm pouca concentração da indústria têxtil.

**Tabela 04: Coeficiente de Localização (CL) do número de estabelecimentos têxteis no período 1985-2011, considerando os Estados da região Nordeste brasileiro.**

Região Nordeste	1985	1990	1995	2000	2005	2011
Maranhão	0,019	0,008	0,007	0,007	0,004	0,003
Piauí	0,000	0,001	0,017	0,020	0,017	0,020
Ceará	0,293	0,275	0,291	0,253	0,253	0,247
Rio Grande do Norte	0,021	0,007	0,017	0,047	0,034	0,023
Paraíba	0,037	0,035	0,046	0,032	0,014	0,015
Pernambuco	0,111	0,115	0,080	0,084	0,125	0,148
Alagoas	0,000	0,001	0,006	0,001	0,003	0,003
Sergipe	0,004	0,013	0,008	0,001	0,005	0,013
Bahia	0,053	0,060	0,054	0,070	0,059	0,040

Fonte: RAIS / MTE, Elaboração própria.

Nos anos 2000, o setor têxtil ainda apresenta características bastante atrasadas que se refletem na competitividade da indústria do setor. Conforme Costa & Rocha (2009), as principais características são: entrada de produtos importados mais baratos; participação insignificante nas exportações mundiais; especialização em produtos à base de fibras naturais, embora tenha aumentado rapidamente o consumo mundial de fibras químicas e de tecidos mistos; elevada média de idade das máquinas; grande pulverização, baixa capacidade técnica e gerencial e alta informalidade; difícil acesso ao crédito, em especial para micro e pequenas empresas.

Portanto, existe, espaço para inovar em todas as áreas, tanto em processo, quanto em produto, e isso é de extrema relevância para aumentar a competitividade das empresas do setor têxtil, sobretudo na região Nordeste do país, dado que este setor apresenta substancial relevância para a geração de postos de trabalho.

Entretanto, é importante acentuar que existe grande disparidade entre as empresas brasileiras do ramo têxtil, pois, conforme Costa & Rocha (2009), a diferença tecnológica é irrelevante entre as grandes empresas que têm capacidade de exportar e investem enormes quantias na modernização de máquinas e equipamentos. A dificuldade encontra-se na existência de plantas defasadas, as quais na maioria das vezes são constituídas por pequenas e

médias empresas, a grosso modo, por administração familiar e num trabalho até certo ponto informal.

Uma das principais características da indústria brasileira têxtil é a heterogeneidade acentuada existente entre as pequenas e médias empresas. Existe um grupo numeroso de empresas tecnologicamente defasadas, voltadas prioritariamente para o mercado interno, cuja estratégia privilegia a competição via custo; outro grupo é modernizado parcialmente (ALVES, 2008, p. 6).

Em relação ao emprego, segundo Costa (2003), a reestruturação produtiva provoca mudanças tecnológica, organizacional, institucional, ou até mesmo de localização postas em prática nas empresas como maneira de adaptarem-se à competitividade do mercado, refletindo-se o fato nas reduções salariais e sociais, nas jornadas e no ritmo de trabalho, piorando enfim as condições de trabalho.

a difusão de novas tecnologias e métodos organizacionais nos setores de ponta da economia do país vem se dando num ambiente ainda predominantemente marcado por: 1) alta taxa de rotatividade; 2) baixo envolvimento dos trabalhadores com as empresas; 3) relações industriais conflitivas e marcadas pelo autoritarismo das gerências intermediárias; 4) baixo envolvimento empresarial e dos trabalhadores com a formação profissional e com a qualificação; 5) apelo a soluções judiciais dos conflitos ao invés da via negocial (COSTA, 2003, p. 8).

Pode-se, pois, concluir que o Nordeste e, notadamente o Estado Ceará ganharam participação no setor têxtil nacional. Tal fenômeno está vinculado ao importante processo de redistribuição espacial das unidades têxteis, por conta da migração de unidades produtivas do Sudeste para essa região (ALVES, 2010; SILVA FILHO & QUEIROZ, 2010).

Atualmente, a participação do Brasil na produção mundial da indústria têxtil é bastante expressiva. Em 2008, o Brasil é o 6º maior produtor de artigos têxteis, mas a grande parte de sua produção é dedicada ao mercado interno. Por esse motivo o país encontrava-se em 46º lugar no *ranking* dos maiores exportadores (ALVES, 2010; SILVA FILHO & QUEIROZ, 2010).

## 5. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar a reestruturação produtiva industrial têxtil, a partir da localização das atividades produtivas do setor. Os dados utilizados foram oriundos da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE no recorte temporal compreendido entre os anos de 1985 e 2011. Os principais resultados encontrados confirmam a questão central de que houve reestruturação produtiva a partir da realocação espacial das indústrias do setor.

Conforme literatura consultada a reespecialização da indústria têxtil brasileira deu-se, sobretudo, com o fito de tornar-se detentora do seu mercado consumidor potencial. A realocação foi, pois, necessária para manter o mercado interno e atender a demanda doméstica de produtos, principalmente malharia e confecções. Porém, mesmo com pouca representatividade no comércio mundial, o setor também procurou a inserção internacional a partir da inovação de produtos e processos e de aproximação dos principais mercados consumidores internacionais.

No que se refere ao Quociente Locacional para as indústrias têxteis, segundo as regiões brasileiras, os resultados revelaram redução do índice na região Sudeste com elevação para as demais regiões do país. O destaque ficou para a região Nordeste que registrou no último ano do recorte temporal analisado o maior valor do índice. Porém, em relação à

concentração regional observada pelo Coeficiente Locacional, observaram-se leve concentração nas regiões Sudeste e Nordeste, sem, contudo, grande preponderância.

Em relação aos Estados nordestinos, os resultados revelaram representatividade do setor têxtil nos Estados do Ceará e de Pernambuco, consoante o índice do Quociente Locacional. Cabe, pois, destacar que o Ceará, mesmo tendo o maior valor do índice registrado vem perdendo participação ao longo dos anos observados. Ademais, em relação ao Coeficiente de Localização, os maiores índices foram registrados no Ceará e em Pernambuco, sem, contudo, significar concentração elevada.

Assim, pode-se confirmar que houve uma redistribuição espacial da indústria têxtil brasileira, a partir da reestruturação produtiva do setor, com destaque para a região Nordeste em detrimento das demais. Porém, é oportuno enfatizar que somente o Sudeste perde participação relativa no setor, com ganho para todas as demais regiões do país. Além disso, no Nordeste os resultados revelam desempenho significativo para o Ceará e o Pernambuco, com redução do primeiro e elevação do segundo.

A partir do exposto, torna-se pertinente o desenvolvimento de pesquisas com metodologias mais apropriadas para mensurar o grau de concentração nas escalas regionais e estaduais, a partir das ações políticas de incentivos à produção do setor em tela.

## **6. Referências bibliográficas**

ALVES, G. (2000). O novo e precário mundo do Trabalho: Reestruturação Produtiva e a crise do Sindicalismo. São Paulo, 2000.

ALVES, P. L. (2010). Reestruturação produtiva e os trabalhadores: um olhar atual sobre o setor têxtil em Sergipe. Dissertação de Mestrado: UFS, Sergipe, 2010.

ALVES, R. (2008). O Setor Confecções de Vestuário e Acessórios: Estratégias Competitivas. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco, 2008.

ARAGÃO, F. J. P. (2005). O Impacto Social da Política de Incentivos Fiscais no Estado do Ceará o Caso de Maranguape. Dissertação de Mestrado. UECE, Fortaleza, 2005.

BECASSI, A. A.; JENNUZZI, C. A. S. C. (2008). Estratégia de gestão e inovação tecnológica na indústria paulista do setor têxtil. Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas, 21 e 22 de outubro de 2008.

BRITTO, J.; CASSIOLATTO, J. E. (2001). Mais além da “guerra fiscal”: políticas descentralizadas no caso brasileiro. Fundação de Economia e Estatística–FEE: Núcleo de Documentação/Biblioteca, 2001.

CAMPOS, M. J. C.; *et al.* (2000). Reestruturação Produtiva e Qualidade do Emprego Formal na Indústria Têxtil: um estudo comparativo entre as regiões Nordeste e Sul. UNICAP, Recife, 2000.

CAMPOS, M. L. J. C. (2000). Processo de abertura econômica competitiva e reestruturação produtiva na indústria têxtil brasileira: uma análise comparativa das regiões nordeste e sul (1985 – 1998). Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2000.

COSTA, M. S. (2003). Reestruturação produtiva, sindicatos e a flexibilização das relações de trabalho no Brasil. RAE-eletrônica, v. 2, n. 2, jul-dez/2003.

COSTA, A. C. R.; ROCHA, E. R. P. (2009). Panorama da cadeia produtiva têxtil e de Confecções e a Questão da inovação. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar. 2009.

DINIZ, C. C. (1996). Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. Nova Economia, vol. 6, nº 1, pp. 77-103, julho, 1996.

DINIZ, C. C. (2001). A questão regional e as políticas governamentais no Brasil. Texto para discussão nº 159, CEDEPLAR/FACE/UFMG, Belo Horizonte, 2001.

FIRJAM, A. A.; FERRAZ, F. T. (2011). Uma breve análise acerca do segmento industrial têxtil e de confecção brasileiro pós década de 80 e a competitividade do setor no mercado de Juiz de Fora, MG. REDIGE v. 2, n. 3, dez. 2011.

GENNRI, A. M. (2001). Globalização, neoliberalismo e abertura econômica no Brasil nos anos 90. PESQUISA & DEBATE, SP, volume 13, n. 1(21), p. 30-45, 2001.

GONÇALVES, H. S.; *et al.* (2004). Análise do Impacto das Inovações Tecnológicas no Setor de Fiação da Cadeia Produtiva Têxtil de Campina Grande-PB. Anais do XI SIMPEP - Bauru, SP, Brasil, 08 a 10 de novembro de 2004.

GUIMARÃES NETO, L. (1989). Introdução a formação econômica do Nordeste. Editora Massangana, Recife, 1989.

GUIMARÃES NETO, L. (1997). Trajetória econômica de uma região periférica. In: Dossiê Nordeste I. Estudos Avançados v. 11, nº 29, pp. 37-54, abril, 1997.

HADDAD, J. H. (Org.). (1989). Economia regional: teoria e métodos de análise. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 06/12/2012.

IPECE - Instituto de Pesquisas Econômicas do Ceará. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.br>>. Acesso em: 06/12/2012.

JINKINGS, I. (2002). Reestruturação Produtiva e Emprego na Indústria Têxtil Catarinense. Dissertação de mestrado: UFSC, Florianópolis, 2002.

KON, A.; COAN, D. C. (2004). Transformações da Indústria Têxtil brasileira: A transição para a modernização". *Revista Economia Mackenzie*. Ano, 3. nº 3. P. 11-34.

LODDER, C. A. (1974). Padrões locacionais e desenvolvimento regional. Revista Brasileira de Economia. V. 28, n. 1, Jan./Mar. 1974.

MONTEIRA FILHA, D. C; CORRÊA, A. (2002). O complexo têxtil. Relato Setorial – BNDES, Rio de Janeiro, 2002.

MONTEIRO FILHA, D. C.; CORRÊA, A. (2002). O complexo têxtil. 2009. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/.../setorial11.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

MOUTINHO, L. M. G.; CAMPOS, M. J. C. de. (2012). Globalização e Competitividade da Indústria Têxtil da Paraíba e do Nordeste: um estudo comparativo. 2009. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/.../\\$FILE/NT000A89DE.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/.../$FILE/NT000A89DE.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2012.

RODRIGUES, L. C.; BIZZOTTO, C. E. N.; SOUZA, D. (1996). Estratégias Competitivas no Setor Têxtil na Região de Blumenau. In: Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 1996, São Paulo. Anais do XIX Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 1996. V 2, p. 1002-1020.

SILBER, S. D. (2002). Mudanças Estruturais na Economia Brasileira (1988-2002): Abertura, Estabilização e Crescimento. São Paulo, 2002.

LIMA, J. R. *et al.*; (2007). O padrão de localização e de difusão da mão-de-obra na Região Sul do Brasil (1991-00). Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 189-224, jul. 2007.

SILVA FILHO, L. A.; SILVA, F. J. F.; QUEIROZ, S. (2015). Nordeste industrial: a fragmentação territorial de uma região periférica. Revista Econômica do nordeste, v. Fortaleza, v. 46, n. 2, p. 9-24, abr. - jun., 2015.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, S. N. (2010). Indústria têxtil: avaliação empírica do emprego formal em Santa Catarina vis-à-vis o Ceará – 1998/2008. In: Anais do IV Encontro de Economia Catarinense: Criciúma, abril de 2010. 19 p.

VIANA, F. L. E.; *et al.* (2008). A Indústria Têxtil na Região Nordeste: Gargalos, Potencialidades e Desafios. Revista Produção online. ISSN 1676 - 1901 / v. 8. n.3. Santa Catarina. 2008.

VIANA, F. L. E.; *et al.* (2012). Fontes de Obtenção de Vantagem Competitiva em Empresas Industriais: Uma Análise nas Indústrias Têxtil e de Calçados do Ceará. Documentos técnico-científicos 43.n 3, 2012.